

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

Filozofická fakulta

Katedra romanistiky

**PROBLEMÁTICA DO GÉNERO FEMININO NOS
SUBSTANTIVOS ORIGINALMENTE INVARIÁVEIS
EM PORTUGUÊS**

**PROBLEMS OF FEMININE GENDER OF
SUBSTANTIVES IN PORTUGUESE WHICH WERE
ORIGNALLY INVARIABLE**

Dana Drončovská

Bakalárska diplomová práca

Vedúci práce: Mgr. Petra Svobodová, Ph. D.

Olomouc, 2019

Čestné prehlásenie

Prehlasujem, že som túto bakalársku diplomovú prácu vypracovala samostatne pod odborným vedením Mgr. Petry Svobodovej, Ph. D. a uviedla v nej všetku literatúru a ostatné zdroje, ktoré som použila.

Olomouc, 20.06.2019

.....

podpis

Pod'akovanie

Moja srdečná vd'aka patrí Mgr. Petre Svobodovej Ph. D., ktorá ma viedla a usmerňovala pri písaní mojej bakalárskej práce, neustále poskytovala rady a pomáhala mi so všetkým, čo sa toho týkalo. V neposlednom rade by som rada poďakovala aj mojej rodine a blízkym za silnú psychickú podporu.

ÍNDICE

1. Introdução	5
2. Metodologia	7
3. Caracterização geral dos termos morfológicos essenciais e dos tipos de morfemas	10
3.1. O morfema e a sua característica geral	10
3.2. Os morfemas lexicais e o radical	12
3.3. Os morfemas gramaticais	13
4. A categoria do género nos substantivos	15
4.1. A divisão dos tipos do género nas línguas	15
4.2. As manifestações morfológicas e sintáticas dos vários tipos do género	17
4.2.1. Género natural	17
4.2.2. Género gramatical	18
4.2.2.1. Caso do português	19
5. Formação do feminino dos substantivos em português	21
5.1. No nível morfológico	21
5.2. No nível léxico	23
6. Substantivos femininos no uso real	24
6.1. A presidente/a	24
6.1.1. Dicionários consultados	24
6.1.2. Corpus linguístico	25
6.2. A governante/a	28
6.2.1. Dicionários consultados	28
6.2.2. Corpus linguístico	28
6.3. A chefe/a	30
6.3.1. Dicionários consultados	30
6.3.2. Corpus linguístico	31
7. Conclusão	34

1. Introdução

É conhecido que a língua é uma matéria viva, a qual se muda constantemente. As línguas vivas são aquelas que estão atualmente usadas, estão permanentemente em progresso e simultaneamente influenciadas por diversos fatores. Variam conforme a história, cultura, geografia, ou seja, região, sociedade ou de situação. Dado que tudo o que é vivo se muda e é possível observá-lo, também é possível observar, descrever e estudar a variação das línguas vivas, quer dizer das línguas ativamente usadas.

A língua para se mudar e manter o passo com a evolução, submete-se às conquistas mais novas da altura atual, aos estilos, às condições da civilização e às necessidades da sociedade. Durante os anos decorridos, todas as línguas vivas constantemente aumentam os neologismos, muda-se a sua ortografia, chegam as alterações nos significados das palavras ou de várias frases. O uso da língua reflete as necessidades da sociedade de hoje, as quais trazem o papel muito importante na variação das línguas, principalmente da sua forma falada.

Neste trabalho dedicamo-nos à temática ligada com a variação das línguas acima representada. Concretamente, o trabalho resume a problemática do género gramatical em português e analisa o uso dos substantivos na língua portuguesa, que habitualmente foram invariáveis na sua forma, mas ultimamente têm sido também usados pelos falantes nas formas femininas modernas.

A primeira parte, que está dividida em três capítulos (3.,4. e 5.), determina a teoria morfológica necessária para compreensão geral deste trabalho. Indicamos ali os termos morfológicos gerais e as suas classificações. Mais concretamente, caracterizamos os morfemas e os morfes, indicamos também a divisão dos morfemas no nível da sua independência e determinamos separadamente os morfemas lexicais, incluindo a classificação do radical, vogal temática e o tema. Além disso caracterizamos os morfemas gramaticais assim como a divisão das palavras segundo a sua estrutura interna, ou seja, da sua composição. A seguir ocupamo-nos com os géneros existentes nas várias línguas. Por partes explicamos e mostramos como funcionam os géneros individuais e quais são as diferenças entre eles e no final prestamos a nossa atenção ao tipo do género que usa a língua portuguesa. Continuando com o género concretamente na língua portuguesa, no final descrevemos as várias possibilidades da formação do género feminino. Concentrando-nos nos substantivos, indicamos as suas opções de expressar o valor do género feminino no nível morfológico e lexical.

Depois da teoria linguística segue a parte com a informação prática. Para estipular a nossa área da pesquisa, escolhemos alguns substantivos concretos para ver a frequência do seu uso com o género feminino. Estes substantivos são problemáticos em formação do género feminino, porque antes foram invariáveis, mas nesta altura já aparecem nas suas formas femininas modernas. Estes substantivos são ainda sempre duvidosos nas suas formas femininas modernas e não inequivocamente classificados no sistema da língua. Além disso, estes substantivos semanticamente se referem aos postos sociais valiosos. Todos os estes pontos mencionados foram critérios da nossa escolha. Continuando, no trabalho usamos um corpus linguístico dos textos dos jornais escritos em português europeu para descobrir qual é a frequência do uso das formas femininas ou as outras possibilidades de expressar o género feminino dos substantivos escolhidos. Além do corpus linguístico, colecionamos também os dados dos dicionários diferentes e comparamos os dicionários neste assunto entre si. Seguintemente comparamo-los também os resultados dos dicionários e os resultados do corpus, do que no final fizemos uma conclusão baseada nas diferenças e nas concordâncias aos quais estamos a chegar mediante esta pesquisa.

Finalmente resumindo, o nosso objetivo foi averiguar a frequência do uso das formas femininas dos substantivos invariáveis escolhidos. Estão as formas femininas antigas ainda sempre predominantes na língua ou já chegam ou predominam as formas modernas? Com qual frequência se usam estas formas modernas? Como são percebidas estas formas modernas pelos vários dicionários? Correspondem as normas dos dicionários às frequências resultantes do uso da língua atual? Estas perguntas vamos tentar de responder por meio deste trabalho.

2. Metodologia

A estrutura do trabalho foi já apresentada na introdução. Porém, tem-se de explicar ainda o nosso processo do trabalho com mais detalhes. A primeira parte teórica foi principalmente escrita segundo quatro gramáticas da língua portuguesa antecipadamente escolhidas. Estas gramáticas são: *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara, *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português* de Maria Helena Mira Mateus e Amália Andrade, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra e *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* de Isabel Hub Faria.¹

Considerando o nosso trabalho com o corpus linguístico e os dicionários, há vários aspetos que têm de ser determinados. Os dicionários usados foram quatro dos impressos e um eletrónico. Para receber um resultado mais objetivo, um dos dicionários escolhidos foi o mais velho que foi disponível para nós e pelo contrário, um outro foi o mais novo. Concretamente, usamos estes dicionários, indicados cronologicamente: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira de 1986 (mais adiante como o dicionário Aurélio), *O Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo 24ª edição de 1991 (mais adiante o dicionário de Cândido Figueiredo), uma publicação revistada e atualizada do *Dicionário da Língua Portuguesa* de J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo do ano 1999 (mais adiante o dicionário de Costa e Melo), *Dicionário da Língua Portuguesa* de Porto Editora do ano 2006 (mais adiante o dicionário do ano 2006)² e o dicionário português de Internet, Priberam.

Tratando dos dicionários, primeiramente foi necessário identificar com a qual terminologia eles trabalham. Focámo-nos nos neologismos e nas classificações dos substantivos. Averiguámos que a terminologia de cada dicionário usa o termo neologismo. Um outro assunto foi, como já mencionámos, a classificação de tipos dos substantivos dentro dos dicionários. Procurando os substantivos masculinos, os substantivos femininos e os substantivos de dois géneros, surgiu uma divergência significativa na terminologia. O dicionário de Cândido de Figueiredo é o único que não indica substantivos de dois géneros dentro de si, mas só substantivos masculinos e femininos. Porém, durante a pesquisa descobrimos que Cândido de Figueiredo, contudo, exprime que o substantivo é válido para ambos géneros, mas

¹Todas as gramáticas são indicadas na bibliografia com as informações detalhadas.

²Todos os dicionários são indicados na bibliografia com as informações detalhadas.

não distingue a classe dos substantivos de dois géneros como um grupo a parte. Naqueles casos identifica o substantivo tanto como o substantivo feminino como o substantivo masculino.

A seguir, continuámos com o nosso trabalho com o corpus linguístico. O corpus linguístico que escolhemos e usámos para a nossa pesquisa se chama Sketch Engine. Trata-se dum corpus linguístico baseado nos textos recolhidos nos jornais e que tem mais variantes de muitas línguas. Neste trabalho, naturalmente, trabalhamos com a sua variante portuguesa. Os seguintes resultados encontrámos pelo meio do uso da língua CQL, ou seja, a chamada *Corpus Query Language*. Esta linguagem da interrogação usa-se nos corpora linguísticos para pesquisar várias combinações, exemplos ou traços gramaticais e lexicais. O uso apropriado desta linguagem consta nas abreviaturas determinadas, que se têm de usar e combinar corretamente para receber os resultados.

Além disso, é necessário apontar que este corpus linguístico inclui os textos escritos tanto em português europeu como em português brasileiro. Porém, o corpus oferece a possibilidade de filtro da variedade da língua pesquisada. No nosso caso filtrámos só os textos escritos em português europeu, ou melhor dito, os textos publicados pelas páginas de web de jornais portugueses. É importante advertir, que apesar de termos tido uma área da pesquisa criada só das páginas de web de jornais portugueses, não podemos garantir que todos os textos sejam sem alguma intervenção do português brasileiro. Não podemos dizer com certeza que o dado publicista escreveu na variedade puramente europeia sem nenhuma influência da variedade brasileira, ou se o contexto lexical e sintático onde usou a palavra ou a combinação das palavras do nosso exemplo era apropriado. Ainda por cima, o autor podia cometer alguns erros nestes contextos, o que seria significativo e importante para nós ao fazer a conclusão absoluta mais objetivamente.

Por causa de todos estes erros possíveis, controlamos sempre até o primeiro cento dos resultados para ver se as concordâncias foram corretas e apropriadas. A alguns dos erros que encontrámos vamos prestar a atenção nas partes individuais das palavras procuradas.

Para receber os próprios resultados sempre indicamos no corpus as instruções necessárias. Principalmente tivemos de determinar com a CQL que as classes de palavra dos resultados se mantivessem iguais como as classes de palavra dos nossos exemplos procurados. De qualquer maneira podia acontecer que o exemplo procurado (o que no nosso caso foi o substantivo, às vezes acompanhado pelo artigo) não desempenhava a função morfológica que deveria. Por exemplo se procuramos *a presidente*, na forma do substantivo masculino precedido pelo artigo

feminino, pudemos receber entre os resultados alguns incorretos, quando *a* não seria o artigo, mas a preposição.

Depois da descrição da nossa pesquisa nos termos do procedimento prático, falta ainda a explicação dos próprios exemplos que pesquisamos. Primeiramente pesquisamos ambas formas do substantivo, a forma masculina (invariável) e a forma feminina, acompanhados pelo artigo feminino. Tratando da forma feminina, seguidamente procurámo-la também sem algum determinante, no caso de já o próprio substantivo indicar o género feminino, e comparamos os resultados. Infelizmente não fomos capazes de encarregar no corpus um outro determinante (como por exemplo *esta, essa, etc.*) de género feminino e, portanto, não verificamos estas combinações. Além disso, dado que as nossas instruções pelo corpus não tinham abrangidos as variantes plurais dos substantivos, pesquisamos ainda os mesmos exemplos em plural.

3. Caracterização geral dos termos morfológicos essenciais e dos tipos de morfemas

3.1. O morfema e a sua característica geral

A morfologia é uma das principais ciências linguísticas; ocupa-se da análise morfológica das línguas, em outras palavras, decompõe palavras em elementos mais pequenos. Do ponto de vista da segmentação das línguas estudadas, segue imediatamente após a fonética e a fonologia, porque tenta dividir as palavras em morfemas, que são mais complexos que fonemas. Para entender as diferenças entre estas duas unidades linguísticas gerais mencionadas, o fonema e o morfema, é preciso conhecer as suas características. Frequentemente, pode ver-se a caracterização do morfema como uma unidade mínima significativa³, o que, porém, poderia causar uma pequena confusão com a caracterização do fonema, que também costuma ser caracterizado como uma “unidade mínima”⁴ da língua. O importante aqui é a palavra “significativa”, porque o fonema é a unidade mínima da língua que não possui nenhum significado, mas é capaz de mudar o significado da palavra. O morfema, por outro lado, é a unidade linguística básica que já não serve para mudar o significado da palavra, mas ele traz em si um significado, ora factual, ora gramatical, e não pode ser partido em outros fragmentos significativos mais pequenos.

Os morfemas são unidades significativas abstratas e as suas realizações concretas chamam-se os morfes. O morfe é, pois, uma unidade visível, real, então, não abstrata, que representa o morfema. Contudo, o morfema não tem de ter só uma realização possível. Existem morfes que indicam o mesmo morfema, trazem o mesmo sentido, pois funcionam na distribuição complementar. Estes morfes são chamados alomorfes. Em outras palavras, trata-se das várias possibilidades da realização do morfema, seja no nível fonológico, seja ortográfico. O que queremos dizer é, que os mesmos morfemas podem ser tanto pronunciados diferentemente como podem ter a forma escrita diferente, mas em ambos casos expressam mesmo assim, o significado igual. Ainda por cima, não esquecemos que os alomorfes são complementares e por isso não se podem revezar, porque funcionam sempre nos seus contextos independentes. Para demonstrar os alomorfes no uso real, vamos usar exemplos ligados à nossa temática. Concretamente vamos mostrar as variedades dos alomorfes morfológicos de como se exprime o género feminino dos substantivos em português.

³Ver por exemplo Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 334.

⁴Ver por exemplo Maria Helena Mira Mateus, “Fonologia”, in Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1996, p. 171.

- a) vendedor x **vendedora**
- b) primo x **prima**
- c) alemão x **alemã**
- d) avó x **avô**
- e) ladrão x **ladrona**

No caso a) vemos o género feminino expresso pela acrescência do morfe *a* ao substantivo masculino. Semelhantemente está expresso o género feminino no caso b), mas neste caso não se trata da acrescência, contudo da substituição. O morfe *o* marcando o género masculino foi substituído pelo morfe *a*. No terceiro caso é, pelo contrário, retirada da desinência masculina o morfe *o*, deixando só o morfe constando da vogal nasal *ã*, que representa aqui o género feminino. Movendo aos casos mais específicos, no caso d) vemos um par dos substantivos, que é quase a variação fonética, concernindo a articulação da vogal *o*, ou a sua propriedade da abertura, mas os morfemas também se escrevem diferentemente. No último caso vemos um substantivo masculino com a desinência nasal *-ão*⁵, que se muda em *-ona*. Reparamos que a nasalidade desapareceu e ficou só este morfema feminino, que, porém, incluiu também a consoante nasal *-n*.

Este conhecimento vai-nos calhar mais adiante para mostrar todas as possibilidades, ou seja, morfes, do género feminino dos substantivos.

A seguir, classificando o que são morfes e morfemas, podemos avançar à primeira divisão dos morfemas. Segundo a propriedade de independência dos morfemas, dividem-se os morfemas em livres e presos. Os livres são capazes de aparecer num texto sozinhos e os presos têm de estar conectados à sua base para cumprir a sua função funcional. Ainda por cima, os morfemas livres trazem um significado externo e os presos um significado interno. O significado externo é por exemplo o que imaginamos sob a palavra *árvore*. Podemos dizer ou ler *árvore* independente do contexto e sempre temos a mesma ideia dela. Ao contrário, o significado interno é um tal, que funciona só dentro do sistema da língua. Quando dizemos *s*, percebemos o significado do plural, mas não sabemos do que e não percebemos o seu contexto.

⁵A pronúncia de *-ão* realiza-se com o traço da nasalidade, ou seja, o ar não é liberado pela cavidade oral, porém nasal.

Tratando destas duas classes de morfemas, segundo Faria⁶, cada delas se pode ainda dividir em duas outras classes. Os morfemas livres em morfemas lexicais e morfemas gramaticais. Os morfemas presos, que são sempre gramaticais, em derivacionais e flexionais.

3.2. Os morfemas lexicais e o radical

Os morfemas podem ser então divididos em várias classes dependendo da condição de cada das divisões. Primeiramente vimos a divisão dos morfemas segundo a sua propriedade da independência. Agora continuamos com uma outra divisão, que depende da chamada natureza da significação. O que queremos dizer é que nesta divisão existem duas classes principais dos morfemas, morfemas lexicais e morfemas gramaticais. Como indicam as próprias designações, os lexicais têm teor lexical ou semântico, e, portanto, marcam uma relação com o mundo real, que pode ser descrito ou no modo objetivo, ou subjetivo. Além disso, os morfemas lexicais pertencem a um grupo infinito, ilimitado, ou seja, à classe aberta. O grupo ilimitado é um tal, que não tem o número dos membros determinado. Os falantes podem sempre ativamente criar umas novas palavras lexicais provocadas pelas razões subjetivas e nas condições subjetivas do lado dos falantes. Aos morfemas gramaticais vamos prestar a nossa atenção no capítulo 3.3.

Continuando com as características dos termos morfológicos básicos de que precisamos para fazer e entender uma análise morfológica, podemos começar pela característica do radical. O radical é o núcleo da palavra, o morfema lexical, que se pode indicar também como raiz ou a base da palavra. Não tem de ser capaz de aparecer numa palavra sozinho, mas sempre serve como uma base para criação de novas palavras ou de outras formas flexionadas duma palavra. Todas aquelas palavras novamente criadas ou mudadas, ou seja, palavras derivadas ou flexionadas⁷, que têm a mesma base, chamam-se as palavras cognatas. Na gramática da Faria caracterizam-se ainda três tipos do radical.⁸ Os radicais, dependendo das suas construções internas, dividem-se em simples, complexos e em temas. Os simples são aqueles criados por um só morfema, por exemplo na palavra *fetal*, o radical consta dum único morfema *fet*. Os radicais complexos são criados por mais que um morfema, por exemplo a palavra *instavelmente* tem o radical complexo *instavel* constado por mais morfemas. O último tipo dos radicais são os

⁶Ver Luísa Azuaga, “Morfologia”, in Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1996, p. 233.

⁷Estes termos vão ser explicados mais adiante.

⁸Ver Luísa Azuaga, “Morfologia”, in Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1996, p. 240.

temas, que são criados por morfema e, assim chamado, índice temático ou a vogal temática.⁹ O tema apresenta a parte da composição da palavra que é capaz de aceitar alguma flexão. O índice temático e a vogal temática são constituintes das palavras que servem como especificadores. Eles especificam as classes de palavras aonde pertencem os radicais e, então, completam o radical e junto com ele criam o tema. Tem-se de apontar que existe uma diferença bastante sutil entre o índice temático e a vogal temática. No caso dos verbos falamos sobre a vogal temática, no caso de outras classes de palavras falamos sobre o índice temático. Para exemplificar tomamos o verbo relaxar. “relax-” representa o radical e “-a-” a vogal temática, que especifica a classe do verbo e faz o verbo preparado para alguma flexão. Tomando em conta por exemplo os nomes, o índice temático em geral apresenta ou especifica o género gramatical deles.¹⁰

3.3. Os morfemas gramaticais

Quanto aos morfemas gramaticais, eles têm a função de denotar relações gramaticais como o fazem, por exemplo, os artigos. Eles pertencem a um grupo finito e restrito, ou seja, à classe fechada, o que significa que os morfemas gramaticais se baseiam nas regras gramaticais duma língua e nas regras do sistema funcional já dadas. Por isso é o sistema restrito e não aberto para as novidades possíveis criadas pelos falantes durante algum discurso, ou seja, os falantes não podem, mas também não tendem criar os novos morfemas gramaticais.

Apercebendo-nos disto, chegamos às duas classes dos morfemas gramaticais, as quais são os morfemas derivacionais e flexionais. Os nomes destas duas classes representam os processos da alteração das formas das palavras, a derivação e a flexão. A diferença principal entre essas classes é que o processo morfológico, a derivação, permite criar novas palavras com os novos significados. Ela resulta na grande maioria em alteração da classe morfológica em contraste com a classe morfológica da palavra anterior, o seu radical. Pelo contrário, a flexão, metaforicamente dito, molda as palavras. Ela não força a alteração da classe morfológica da palavra nova criada, mas acrescenta as suas categorias gramaticais. Além disso, a flexão é, em princípio, um meio da sistematização e regularidade, que usamos só por motivos da gramaticalidade dentro da língua e que depende do contexto sintático. Comparando-a com a derivação, chegamos a saber que a derivação funciona ao contrário, quer dizer, independente

⁹A partir de agora, neste trabalho vamos usar o termo radical como sinónimo do termo a base ou a raiz, sem identificarmos os tipos dos radicais.

¹⁰Ver Mateus, M. H. Mira, Ernesto d’Andrade, *The phonology of Portuguese*, Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 68 (apud. Graça Rio-Torto, Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira, Sílvia Ribeiro, *Gramática Derivacional do Português*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014, p. 57).

do contexto sintático. A derivação não é exigida só pelo meio do sistema linguístico gramatical e correto, mas também por causa da necessidade do falante de ser capaz de obter e exprimir a sua ideia com o significado lexical próprio.

Além disso, os morfemas derivacionais, também chamados afixos, dividem-se segundo a sua contribuição ao sentido do radical em três grupos. A primeira classe são prefixos, que ficam em frente do radical, a segunda classe são sufixos, que ficam em fim da palavra, e a terceira classe são infixos, que ficam dentro do radical, porém, estes são, se um tudo, muito raros na língua portuguesa. Falando sobre português, na língua portuguesa também se usam e distinguem os circunfixos. Os circunfixos são criados por um prefixo, que está em frente do radical e ao mesmo tempo por um sufixo em fim do radical. Os dois afixos aparecem sempre juntos, porque se exigem mutuamente e por isso são chamados circunfixos.

Para resumir, temos de saber que os morfemas derivacionais servem na língua como os elementos na construção das palavras, e que ajudam a criar novas palavras com o mesmo radical, mas com um sentido novo ou alterado. A outra função possível deles é que também adicionam os subsentidos. Os subsentidos podem ser, por exemplo, emocionais, adicionados por derivação sufixal avaliativa, quando se formam por exemplo aumentativos e diminutivos. A seguir, os morfemas flexionais são responsáveis pelas flexões das palavras, que expressem pessoa, género, número, grau, tempo, modo, voz.

Interessante é que a fronteira entre a derivação e a flexão não é facilmente determinável. Um exemplo que podemos mencionar é a dúvida ou a questão linguística, se a formação do já mencionado grau dos substantivos devia ser considerada derivação ou flexão. Os aumentativos e diminutivos apresentam esta dificuldade por causa das suas características mistas. Por um lado, os morfemas, que expressam o grau dos substantivos não causam a alteração da classe da palavra, o que corresponde à flexão. Por outro lado, os morfemas não são exigidos pela concordância no contexto sintático, nem por causa das regras gramaticais dentro do sistema da linguagem, o que corresponde à derivação.¹¹

Paralelamente, segundo a classificação que acabamos de fazer até aqui dividem-se depois as palavras. Neste trabalho vamos explicar a divisão de Cunha, mas ela difere segundo os linguistas. Cunha divide as palavras em primitivas, simples e compostas. As palavras primitivas servem como a base para derivar novas palavras, mas elas próprias são, podemos dizer,

¹¹Resumindo a dúvida dos diminutivos e os aumentativos, para analisar logicamente se pertencem aos morfemas flexionais ou derivacionais, devem-se considerar os pontos seguintes: a concordância sintática provocada com eles, a alteração da classe das palavras, e a regularidade e sistematização do seu uso dentro da língua.

autênticas, porque não surgiram de nenhuma outra palavra. As palavras simples compõem-se do único radical, que pode, mas não tem de estar complementado com outros elementos. Se o radical está acompanhado, trata-se duma palavra derivada. Finalmente há palavras compostas que se compõem de mais de só um radical.¹²

4. A categoria do género nos substantivos

4.1. A divisão dos tipos do género nas línguas

Dado que já conhecemos tanto os tipos de morfemas individuais e as suas funções, como a estrutura da palavra, avançamos a uma das categorias gramaticais, que desempenha o papel importante no nosso trabalho. Trata-se da categoria do género.

Em geral, existem, podemos dizer, três tipos principais do género que as línguas usam. Estes são o género natural, o género gramatical e o género, que realmente não está existente na língua (nas línguas sem género).

Porém, na maioria das línguas não se pode falar puramente dum tipo do género, mas só daquele que predomina. Por este razão vamos fazer a nossa própria divisão dos tipos do género. Vamos distinguir três grupos um pouco diferentemente: o género natural, o género natural-gramatical (adiante tratado como género misto) e línguas sem género.

O género natural é o género cujo valor os substantivos animados, em grande parte humanos, já inerentemente contêm ou expressam. A característica que este tipo do género é inerente, neste caso significa que o nome tem o género igual como o seu sexo. A este grupo pertence por exemplo inglês, sueco, etc.

O género gramatical é comumente distinguido em masculino e feminino. Importante é, que este tipo do género, ao contrário com o género natural, não depende do sexo, nem da animidade ou humanidade, mas é determinado pelo sistema da língua. Por isso, o género gramatical pode haver mais tipos do género de que só dois, que realmente distinguimos na nossa vida. Por exemplo o género neutro que podemos encontrar nas línguas como alemão, eslovaco, checo, tipicamente nas línguas indo-europeias. Ainda por cima, existem línguas que têm mais

¹² Existem também outras opiniões dos vários linguistas, como por exemplo de Mateus e Andrade. Eles incluem tanto as palavras derivadas, que são constituídas pelo radical acompanhado pelo outro elemento, como as palavras compostas, que são constituídas por mais radicais, em palavras complexas. Ver Maria Helena Mira Mateus, Amália Andrade, Maria do Céu Viana, Alina Villalva, *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta, 1990, p. 427.

que três géneros gramaticais. Estes são por exemplo as chamadas Bantu línguas, que se falam na África.

Porém, também nas línguas onde predomina o género gramatical frequentemente se manifesta o género natural. Naquelas línguas os géneros não se só misturam, mas também se entremesclam, no sentido, que os substantivos animados, os quais marcam as pessoas, possuem o género gramatical, que em muitos casos corresponde com o seu sexo, mas em outros não. Em estes casos o género está obviamente dado só gramaticalmente.¹³ Por isso decidimo-nos pela separação dum grupo misto, grupo do género natural-gramatical. Este género misto é obviamente um grupo que usa tanto o género natural como o género gramatical. É típico para as línguas indo-europeias, uma das quais é também o português, ao qual nos vamos especialmente dedicar.

Quanto ao número dos géneros, em português existem três tipos do género, que são o masculino, o feminino e o género não lexicalmente determinado, que pode corresponder tanto ao género masculino, como ao género feminino. Além disso, há linguistas com várias afirmações, por exemplo como Alina Villalva, que afirma, que os chamados comuns-de-dois¹⁴ representam este terceiro tipo do género.¹⁵ Interessante também é que o português é percebido como uma língua onde as formas masculinas são percebidas como as variantes não-marcadas, gerais e preferidas, mas na verdade existem substantivos onde a forma do género feminino é a forma geral, como *a testemunha*.

É importante de saber que o português enquadrado nesta categoria do tipo do género tem o género na verdade misto, como no caso do português. Por tanto, vemos alguns exemplos do português, dos substantivos animados que possuem o género gramatical, que é idêntico com o sexo: *o homem, a mulher, o avô, a avó, etc.* Por outro lado, em português há também uma multidão dos substantivos inanimados que tem absolutamente arbitrariamente atribuído algum género de dentro do sistema gramatical. Alguns exemplos são: *a vogal, a consoante, a árvore, etc.* Aqui vemos que na vida real não atribuímos nenhum sexo a estes objetos inanimados, então o género que usamos com estes substantivos apreendemos artificialmente e puramente do uso da língua, junto com as outras regras gramaticais. Uma prova que o português realmente tem o género misto é por exemplo o substantivo *a testemunha*. Se falamos do homem, de qualquer maneira flexionamos os constituintes ligados ao substantivo segundo o seu género gramatical

¹³Por exemplo *a testemunha, o cônjuge* na língua portuguesa, que são exemplos dos sobrecomuns, explicados mais adiante.

¹⁴Os substantivos chamados comuns-de-dois vão ser explicados no capítulo 5.1.

¹⁵Ver Alina Villalva, *Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta, 2007, p. 89.

feminino, que então não corresponde ao sexo (*a bonita testemunha* = pode referir tanto ao homem como à mulher).

O último grupo na nossa divisão são as línguas sem género que não refletem no uso da língua nem o sexo dos objetos de que se fala nem o seu género gramaticalmente atribuído. Um daquelas línguas é por exemplo o turco.¹⁶

4.2. As manifestações morfológicas e sintáticas dos vários tipos do género

Quando já tínhamos percebido as características básicas dos três grupos dos tipos do género e a mistura real dos géneros, podemos continuar com uma explicação ulterior. Vamos analisar os géneros segundo o seu comportamento e as influências diferentes, tanto no nível morfológico, como no nível sintático.

4.2.1. Género natural

Primeiramente, para explicar melhor o género natural, tomamos alguns exemplos concretos do inglês, que é, como já sabemos, uma língua com este tipo do género. Vamos usar os substantivos *tree*, *girl* e *father*.¹⁷

Morfologicamente não vemos nenhuns morfemas individuais, os quais se ligam às palavras para exprimir o valor do género. O que vemos são somente palavras, ou, melhor dito, os substantivos escolhidos sem algumas desinências e sem alguma flexão genérica. Obviamente, estes próprios substantivos, se têm o traço semântico de ser humano, possuem o género inerentemente. *Tree* não possui nenhum sexo, *girl* naturalmente possui o género feminino (=sexo feminino) e *father* naturalmente possui o género masculino (=sexo masculino).

A seguir, sintaticamente se provam estes géneros naturais pelas substituições pelo pronome pessoal, que mostra o sexo ou o género inexistente do substantivo. Substituindo *tree* pelo pronome pessoal recebemos *it*. *It* é o pronome pessoal neutro em inglês, que simplesmente aponta às coisas sem género (género inexistente) ou sem o género conhecido, como é a mesma árvore. Tomando *girl*, este substantivo podemos substituir pelo pronome *she*, que em princípio significa ela, marcando o género feminino que no sentido do sexo naturalmente atribuíamos a rapariga. O último substantivo exemplar é *father*, que podemos substituir pelo pronome *he*, que

¹⁶Ver Sabine Sczesny, Magda Formanowicz, Franziska Moser, “Can Gender-Fair Language Reduce Gender Stereotyping and Discrimination?”, 2016, disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4735429/#B96> (acesso em 9 de maio 2019).

¹⁷Tree = a árvore, girl = a rapariga, father = o pai.

significa ele. Também neste caso trata-se do género correspondente ao sexo do pai. O outro critério sintático é a concordância inexistente provocada pelo substantivo. Usando cada dos substantivos ingleses exemplares numa frase com algum determinante e um adjetivo, ambos estes constituintes ficam em cada combinação iguais, sem nenhuma flexão da concordância. Por exemplo vemos: *the tall tree / the tall girl / the tall father*. Nem o artigo determinado nestes exemplos nem o adjetivo muda dependentemente do substantivo e ambos os constituintes não estão sujeitos à flexão da concordância.

4.2.2. Género gramatical

Já que na parte antecedente analisámos o género natural, avançamos agora ao género gramatical e às suas manifestações morfológicas e sintáticas. Novamente vamos começar do nível morfológico onde chegamos a saber que o género gramatical já é óbvio pelo meio das desinências. Para variar vamos tomar por exemplo o eslovaco e mostrar o género nalguns substantivos. Escolhemos *časník, časníčka* e *pero*.¹⁸ No caso da *časníčka* podemos ver que ao substantivo masculino está ligado o sufixo *-čka*, que normalmente no eslovaco exprime o género feminino. Apesar disso, na forma quase básica masculina, o sufixo *-ník* tipicamente exprime o género masculino e não se trata só dos substantivos animados nem humanos. Por exemplo *čajník*¹⁹ também possui o género masculino na língua eslovaca. O substantivo *pero* possui o género neutro no eslovaco, que é típico para o sufixo *-o*, como também por exemplo nos substantivos *auto, mesto*²⁰, etc. Com isto vemos que o género gramatical é muito arbitrário, o que significa que às vezes não se pode antecipar o género segundo alguma observação na vida, mas têm-se de conhecer as regras gramaticais da dada língua.

Ainda por cima, em várias línguas podemos encontrar os géneros gramaticais atribuídos diferentemente aos mesmos conceitos. Este fenómeno se chama segundo Bechara: “Inconsistência do género gramatical”²¹, o que podemos teoreticamente chamar a arbitrariedade. Por exemplo *stól* (em eslovaco) = *a mesa* (em português). *Stól* é um substantivo masculino na língua eslovaca, mas em português é o mesmo conceito um substantivo feminino.

Uma outra característica do género gramatical já do nível sintático é que segundo ele são formados também as outras palavras na concordância com este género. Como já sabemos, isto não acontece com o género natural. Lembrando dos exemplos de inglês aos quais dedicamo-

¹⁸Časník = o empregado da mesa, časníčka = a empregada da mesa, pero = a caneta.

¹⁹Čajník = o bule de chá.

²⁰Auto = o carro, mesto = a cidade.

²¹Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 133.

nos na parte do género natural (4.2.1.), podemos compará-los com os mesmos exemplos, mas em português. Em português recebemos: *a árvore alta, a rapariga alta, o pai alto*.²² Observamos que o artigo definido, ou seja, o determinante mudava dependendo do substantivo usado, melhor dito, dependente do género gramatical do dado substantivo. Isso foi também o caso do adjetivo, que sempre aceitou a flexão da concordância com o principal constituinte deste sintagma nominal²³, o substantivo.²⁴

4.2.2.1. Caso do português

Como já aclarámos, português é uma língua com o género misto. Os substantivos portugueses mostram características tanto do género natural como do gramatical. Em geral, numa tentativa de provar sintaticamente a presença real do género usamos tipicamente os pronomes os quais possuem o género na sua própria forma (por exemplo os pronomes pessoais da terceira pessoa como *ele, ela*, os pronomes possessivos como *seu, sua*, etc.). Com esta maneira podemos então sintaticamente provar também o género presente em português. Os mencionados pronomes são distinguidos segundo o género e mostram o género correspondente com o sujeito da referência. Por exemplo, alguns dos pronomes pessoais podem substituir o substantivo representando o mesmo género, ou os pronomes possessivos trazem o mesmo género como o substantivo ao qual se ligam. (e.g. *a sua mulher* = ela ou *a sua mulher bonita* = ela). Isto é uma das características do género gramatical, a concordância sintática.

Para uma melhor compreensão, tomemos uma oração como um exemplo e vamos fazer a análise tanto do lado dos constituintes da palavra, então do nível morfológico, como do lado da influência e concordância sintática. Usamos: *Os nossos chefes nervosos tiveram uma briga*. Neste exemplo vemos na oração o substantivo *chefes*. O substantivo compõe-se de raiz *chef-*, o índice temático *-e-*, marcando o género masculino deste nome, e o morfema flexional de plural preso, ou seja, sufixo *-s*. O artigo antecedente, pois, tem de ser também em plural para ficar em concordância, mas, mais importantemente, concorda com o género do substantivo. Falando da concordância, os outros constituintes desta oração, que dependem deste substantivo, ficam na mesma concordância com o valor do género masculino e o número de plural. Estes constituintes são o pronome possessivo *nossos* e o adjetivo *nervosos*. Este sintagma nominal inteiro pode,

²²Apropriados seriam também outras palavras determinadas como: esse/a, este/a, aquele/a.

²³Um sintagma nominal é um substantivo ou um conjunto das palavras incluindo pelo menos um substantivo. Os sintagmas caracterizam-se no nível de sintaxe. Sempre se compõem dum constituinte principal (se se trata do sintagma nominal, o constituinte principal é um nome) e os constituintes que o complementam.

²⁴Ver Jesse Archibald-Barber, "From Grammatical to Natural Gender", 2001, disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~cpercycourses/6361ArchibaldBarber.htm> (acesso em 9 de maio 2019).

então, ser substituído pelo pronome pessoal *eles*. Testando esta afirmação, a oração seria: *Eles tiveram uma briga*. A oração é gramatical e, pensando sobre o género gramatical do sintagma nominal substituído, somos capazes de ver o mesmo valor do género pelo meio do pronome pessoal usado. O mesmo podíamos fazer com o sintagma nominal *uma briga*. *Uma* mostra o género concordante com o género do substantivo, o feminino, e o inteiro sintagma nominal podia ser substituído pelo pronome *a*. A oração seria: *Os nossos chefes nervosos tiveram-na*.²⁵

²⁵O pronome pessoal aceita nesta oração uma forma escrita diferente por causa da realização fonética da terminação do verbo flexionado.

5. Formação do feminino dos substantivos em português

5.1. No nível morfológico

Existem várias possibilidades de mudar o género masculino para o feminino na língua portuguesa e neste capítulo vamos resumir as regras desta mudança.

Segundo Bechara, os modos de mostrar o género podem ser ou a moção ou a heteronímia.²⁶ A moção é o tipo da expressão do género, quando as palavras recebem só alguma desinência dependente do dado valor genérico. Estes substantivos que mudam só a sua desinência para mudar o género, submetem-se então ao processo morfológico chamado moção. Alguns exemplos são: *menino / menina, gato / gata*²⁷. Este modo de alternar o género é o mais frequente em português.²⁸ Já que se trata da manifestação do género do lado da morfologia, primeiramente vamos então ver os modos da formação do género feminino feita pelo acréscimo das várias desinências ao radical masculino para a qual há regras que predominam, as regras básicas e as regras que são mais específicas.

A possibilidade mais frequente da formação do género feminino é o acréscimo da vogal *-a*. Esta vogal pode substituir a vogal *-o*, como em palavra *o aluno/ a aluna*²⁹. Também se pode frequentemente encontrar um substantivo masculino que acaba em consoante e depois se somente acrescenta a vogal *-a*, como com o substantivo masculino *o escritor/ a escritora* ou *o sudanês/ a sudanesa*.³⁰ Porém, naturalmente, fácil como isto parece, sempre existem algumas exceções quando não se seguem as dadas regras. Neste caso alguns exemplos são: *o diácono/ a diaconisa, galo/galinha*³¹ ou existem simplesmente outras variantes como *o cantador/ a cantadeira*³², etc.

Por outro lado, a formação do género feminino pode exigir também outras regras que já não são tão sistematizadas. Uma delas concernem por exemplo a desinência do substantivo masculino *-ão* que pode mudar em *-ao*, *-ã* ou *-ona* como os substantivos: *o patrão/ a patroa, o*

²⁶Ver Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 133.

²⁷Idem, *ibidem*.

²⁸Ver Maria Helena Mira Mateus, Amália Andrade, Maria do Céu Viana, Alina Villalva, *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta, 1990, p. 370.

²⁹Ver Celso Cunha, Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: João Sá de Costa, 1984, p. 191.

³⁰Nalguns casos dos substantivos que acrescentam *-a* pode com a mudança do género acontecer, que alguns aspetos semânticos mudam também e então já não se trata da flexão. Por exemplo: *barco/ barca*, onde *a barca* designa um barco grande. Ver Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 132.

³¹Ver Celso Cunha, Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: João Sá de Costa, 1984, p. 192.

³²Idem, *ibidem*, p. 194.

*cidadão/ a cidadã, o solteirão/ a solteirona*³³. Outras regras como tal vamos ainda sucessivamente ver adiante.

A seguir há muitos substantivos portugueses terminados em *-e*, o que é também a divisão dos substantivos que nos neste trabalho interessa principalmente. Alguns para mudar o seu género em feminino mudam a vogal terminante em *-a*, como por exemplo: *o elefante/a elefanta* ou *o mestre/ a mestra*³⁴, etc. Além disso, vários substantivos masculinos terminados em *-e* aceitam as desinências femininas como *-esa, -essa, -isa*. Nestes substantivos é importante o nível semântico, que os substantivos designam as pessoas nobres e dignas.³⁵ Por exemplo: *o abade/ a abadessa, o duque/a duquesa*³⁶. Porém, apesar de que se frequentemente trata dos substantivos terminados em *-e*, esta observação não representa nenhuma regra, como vemos nos substantivos já mencionados: *o diácono/ a diaconisa*³⁷. A este tipo dos substantivos podíamos também incorporar os substantivos comuns-de-dois, que tipicamente terminam em *-e*. Estes substantivos possuem só uma forma invariável para ambos géneros, porém, para distinguir o género e o sexo usam os determinantes antecedentes. Por exemplo: *o gerente/ a gerente, o imigrante/ a imigrante*³⁸, etc. Em todos estes casos podemos observar que os substantivos masculinos a si ligam um morfema zero de valor do género feminino.

Tem se de pôr em destaque que os substantivos comuns-de-dois representam um grupo problemático. Os portugueses respeitam este modo de formação do género, que é absolutamente normal e legítimo, por exemplo no exemplo antecedente *elefante/ elefanta* ou no outro exemplo, *infante/ infanta*, mas já *a presidenta* consideram inadequado, inadmissível ou ficam ofendidos pelo uso agramatical e incorreto. A questão é se isto cresce nas pessoas do lado da semântica e da sua perceção do significado como inadmissível na vida, ou do lado da gramática e as suas perceções das formas femininas como incorretas e fora do sistema gramatical. De qualquer maneira se tem de ver como forte é esta rejeição e quais palavras são rejeitadas mais como as outras. Isto se podia ver através da fala e uso real dos falantes portugueses.

Naturalmente, nós não somos capazes neste trabalho comparar o uso de todas as formas femininas que se incluem nesta problemática, mas para uma perspetiva melhor escolhemos

³³Ver Celso Cunha, Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: João Sá de Costa, 1984, p. 193.

³⁴Idem, *ibidem*, p. 195.

³⁵Idem, *ibidem*, p. 194.

³⁶Idem, *ibidem*.

³⁷Idem, *ibidem*.

³⁸Idem, *ibidem*, p. 197.

alguns dos substantivos portugueses problemáticos e ao este assunto dedicar-nos na nossa parte do trabalho com o corpus.

5.2. No nível léxico

Além todas as possibilidades da formação do género feminino do capítulo anterior, há ainda um grupo dos substantivos muito especial. Este grupo criam os assim chamados substantivos uniformes que se dividem em três subgrupos. Estes são os epicenos, sobrecomuns e comuns-de-dois (os quais já classificamos). Os epicenos são substantivos que designam os animais e possuem uma só forma com um só género gramatical para referir a um e o outro sexo. Por exemplo: *a águia, o condor*,³⁹ etc. Os sobrecomuns são substantivos que designam pessoas, mas além disso funcionam igualmente como os epicenos. Tem só um género gramatical, mas podem referir a ambos sexos.⁴⁰ Por exemplo: *a criança, a pessoa*⁴¹, etc.

Do que já indicámos mais acima, sabemos que existe também mais um processo formativo, a chamada heteronímia. Trata-se dos substantivos que mudam a sua inteira forma para exprimir género/sexo oposto. A heteronímia é então o tipo da expressão do género quando o substantivo possui uma forma específica para um género e uma outra para o outro género. Este modo da formação do género concerne o lado léxico dos substantivos, não mais o morfológico, quando o radical ficava o mesmo. Dado que ambas formas são absolutamente diferentes, trata-se dos dois substantivos diferentes que lexicalmente representam dois géneros e dois sexos possíveis dum mesmo conceito. Alguns exemplos deles são: *homem /mulher, boi /vaca, o bode/ a cabra, o macho/ a fêmea*⁴², etc.

³⁹Ver Celso Cunha, Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: João Sá de Costa, 1984, p. 196.

⁴⁰Evanildo Bechara conta tanto os epicenos como os sobrecomuns a título "heterónimos". Ver Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 137.

⁴¹Celso Cunha, Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: João Sá de Costa, 1984, p. 196.

⁴²Idem, *ibidem*, p. 192.

6. Substantivos femininos no uso real

6.1. A presidente/a

6.1.1. Dicionários consultados

Primeiramente consultamos todos os dicionários dos impressos e chegamos a saber que todos deles, com a exceção do dicionário de Cândido Figueiredo, classificam o substantivo *presidente* como substantivo de dois géneros. O dicionário de Cândido Figueiredo classifica-o só como substantivo masculino.

A seguir, a forma feminina, *presidenta*, está indicada nos todos os dicionários e classificada como substantivo feminino. O que se muda é a sua descrição complementar como neologismo. Um meio dos dicionários, o dicionário de Cândido Figueiredo e o dicionário de Costa e Melo, descrevem *presidenta* como neologismo, mas os outros não.

Interessantemente, o último dicionário consultado, o dicionário de Internet, Priberam, corresponde com a maioria em que classifique a forma *presidente* como o substantivo de dois géneros e a forma *presidenta* como o substantivo feminino, mas já não a descreve também como neologismo.

Resumindo os nossos resultados dos dicionários, vemos que as perceções dos linguistas variam bastante, aliás algumas delas predominam. Baseando-nos nesta comparação pequena, a opinião predominante é que o substantivo na forma *presidente* pertence à classe dos substantivos de dois géneros.

Tratando da forma *presidenta*, ela foi incluída dentro de todos os dicionários revistados. Porém, o que diferiu, foi a determinação etimológica dela como neologismo, que não sempre apareceu introduzida. Importante é, o que já sabemos do capítulo da metodologia, que cada dos dicionários consultados distingue, e formalmente indica os neologismos. Por isso, comparando todos os dicionários mencionados, é interessante que o dicionário Aurélio não registe *presidenta* como um neologismo em comparação com os outros dicionários dado que os outros dicionários tenham sido publicados ou atualizados mais tarde.

Para acrescentar a extensão possível do uso dos substantivos *presidente/presidenta* com o determinante em forma do artigo feminino *a*, vamos mostrar ainda um exemplo das palavras que incluem estes substantivos. Trata-se do substantivo *o vice-presidente* e as suas formas com o valor de género feminino, *a vice-presidente/vice-presidenta*. Porém, segundo os dicionários revistados estas formas não existem. Só se pode encontrar *o vice-presidente*, descrito ou como

substantivo masculino, ou como substantivo de dois géneros. Para ver os resultados da vida real do uso da língua portuguesa, agora vamos avançar à pesquisa por meio do corpus linguístico, SketchEngine.

6.1.2. Corpus linguístico

Começando com a pesquisa usando o corpus linguístico, primeiramente introduzimos ao corpus *a presidente*. O nosso objetivo foi encontrar com que frequência se usa o substantivo invariável na sua forma, determinando o valor de género só pelo artigo feminino antecedente. O resultado que recebemos foi de 4,987 concordâncias. Vemos alguns exemplos do encontro nos textos:

É com este lema que *a presidente* do Ano Europeu do Voluntariado, Fernanda Freitas, agarra o desafio de promover ao longo de 2011 uma cidadania efectivamente activa, contrariando a fraca tradição do país nesta matéria.

Aos fins-de-semana, asseguram o percurso Lóios-Matosinhos (500), pela zona marginal, disse *a presidente* da STCP, Fernanda Meneses, que falava aos jornalistas após a "antestreia" de um dos autocarros, numa viagem para convidados e jornalistas.

Para *a presidente* da Câmara, Maria Emília de Sousa, a nova biblioteca "reflecte a estratégia da autarquia para criar um concelho polinucleado que gravita em torno de centros de cultura e lazer".

A seguir procuramos a forma feminina com o artigo feminino antecedente, *a presidenta*. O resultado foi de 45 concordâncias. Na verdade, neste caso pudemos mesmo assim excluir o determinante do nosso comando pelo corpus, porque a própria forma da palavra traz o género gramatical que nos interessa. Por isso procuramos também a forma *presidenta* sem nenhum determinante concreto. O resultado foi depois de 264 concordâncias.

Exemplos:

Ou seja, a Câmara Municipal de Almada vai apresentar uma proposta que consiste no "alargamento da execução do Polis de 2006 para 2008", anunciou *a presidenta* da Câmara de Almada, Maria Emília de Sousa.

No entanto, agora tanto Nazaré quanto José Maria, tanto o rei e a rainha, tanto o presidente e *a presidenta*, tanto o ministro e a ministra, tanto o grande como o pequeno, estão iguais, deitados e virados um para o outro.

Por tudo o que atrás fica dito, os abaixo-assinados instam a recém-eleita *presidenta* da República Federativa do Brasil, Dilma Roussef, a que faça cumprir a decisão do seu predecessor de não extraditar Cesare Battisti, confirmando o seu estatuto de refugiado político e devolvendo-o de imediato à liberdade.

Dado que o nosso modo de procurar as palavras no corpus linguístico não incluiu a possibilidade de as concordâncias encontradas surgirem em plural, tivemos de fazer as outras pesquisas. Procuramos de novo ambas formas do substantivo marcando o género feminino, mas neste caso em plural. Portanto, no caso de *as presidentes* recebemos o resultado de 13 concordâncias.

Exemplos:

No âmbito de mais uma autarquia participada, "dificuldades no trânsito e no estacionamento, bem como deficiências ao nível da higiene e limpeza" são alguns dos principais problemas que afectam as Juntas de Freguesia de Santa Maria da Graça e de São Julião, tal como referem *as presidentes*, Maria da Conceição Crispim e Maria do Carmo Lopes respectivamente.

A equipa de representantes portuguesas na Câmara dos Poderes Locais tem como suplentes *as presidentes* da Câmara de Miranda do Corvo (Maria de Fátima Ferreira) e Caminha (Júlia Costa) e *as presidentes* da Câmara de Alcanena, Fernanda Asseiceira, e da Junta de Freguesia de Torgueda, Maria Elisabete Matos.

Nas novidades propostas por Sócrates está ainda a governadora civil de Castelo Branco, Alzira Serrasqueiro, *as presidentes* das câmaras de Odivelas, Susana Amador, e de Braga, Mesquita Machado, e a deputada socialista Sónia Fertuzinhos.

No caso de *as presidentas* ou *só presidentas* não recebemos nenhuma concordância dos textos escritos em português de Portugal.

Tem-se de mencionar, que, trabalhando com os textos jornalísticos, há muitos erros que podem surgir e que podem ser incluídos. Por exemplo, quando tentamos de procurar a forma feminina do substantivo *presidenta* com um determinante antecedente na forma de qualquer artigo, ao acaso descobrimos vários textos com as utilizações da palavra *presidenta* agramatical. No total encontramos 6 concordâncias com este erro.

Exemplos:

Várias personalidades passarão pelo FSM, entre outros, *o presidenta* da Bolívia, Evo Morales, o venezuelano Hugo Chavez, o beninense Boni Yayi, o guineense Alpha Conde e o antigo presidente brasileiro Lula da Silva.

Estamos a tentar que a administração central ceda estas instalações à Câmara, para que as possamos requalificar e utilizar para a criação deste centro", explicou *o presidenta* da autarquia, Sousa Gomes, que aproveitou a inauguração do novo centro de corte e enchidos de Almeirim para divulgar publicamente este projecto, ainda em fase embrionária.

À cerimónia de lançamento da primeira pedra da obra assistiram ontem os representantes das entidades oficiais, *o presidenta* da Câmara Municipal, Carlos Encarnação, o governador civil de Coimbra, Henrique Fernandes, e o director distrital da Segurança Social, Mário Rui.

Aqueles erros fazem uma impressão que os autores seja tentavam de praticar uma hipercorreção ou praticavam-na sem saber. O que queremos dizer é, que dado que já existem as várias possibilidades genéricas do substantivo *presidente*, podia crescer uma confusão. O número destas concordâncias erradas (6) evoca-nos que não se trata só dum erro sem querer. Neste caso podia o autor presumivelmente achar que a forma feminina *presidenta* é a forma geral e invariável e ligou-a com o artigo masculino *o* para exprimir o género. Porém, esta variante não está indicada em nenhum dos dicionários e por isso não sabemos se esta forma podia ser considerada uma forma aceitável. Contudo, também não somos capazes de afirmar cem por cento se se trata dum erro, porque se estamos assentes na linguística descritiva, esta variante podia fazer uma parte da língua cotidiana.

A concluir, do número absoluto das concordâncias encontradas, 5251, mais ou menos 95% foram a variante *a presidente* e 5% *presidenta*. Naturalmente, não esquecemos as exceções, alguns dos quais também encontrámos. O resultado das formas femininas em plural foi 100% *as presidentes*.

Queremos acentuar que apesar de mais variantes do dado substantivo deste capítulo, sempre vai ser possível encontrar opiniões diferentes e realizações distintas entre os falantes. Contudo, consideremos o crescimento da tentativa e do uso das formas distintas pelo género feminino como uma boa tendência linguística, que se depois liga com boas tendências nas outras áreas científicas, como sociologia, psicologia, etc.

6.2. A governante/a

6.2.1. Dicionários consultados

Um outro exemplo que escolhemos a analisar, exemplo do par dos substantivos onde a forma feminina talvez possa ser usada com algumas dúvidas, é *governante* e *governanta*. Tratando das palavras *governante* e *governanta*, encontramos que a forma *governanta*, como um substantivo feminino, indicam todos os dicionários com exceção do Dicionário de Cândido de Figueiredo.

Por outro lado, todos os dicionários sem exceção indicam *governante* como um substantivo de dois géneros. Porém, o que é interessante, tanto o dicionário Aurélio, como o dicionário de internet, Priberam, descrevem *governante* como um substantivo de dois géneros, mas simultaneamente também como um substantivo feminino. Parece que é só uma forma de acentuar, que *governante* pode também representar uma mulher e está semanticamente idêntica com *governanta*, mas de outra maneira não percebemos porque é precisa ainda esta classificação, se se trata dum substantivo de dois géneros.

Além disso, tem-se de apontar, que a forma da palavra *governante* podia representar também um adjetivo, concretamente adjetivo de dois géneros segundo o dicionário Priberam, o Dicionário do ano 2006 ou adjetivo sem alguma outra classificação segundo os outros. Esta observação vai ser importante para nos especialmente no trabalho com o corpus, para identificar a própria classe de palavras que precisamos.

6.2.2. Corpus linguístico

Neste ponto já vamos proceder ao corpus linguístico, onde procuramos vários usos do substantivo *governante/governanta* como género feminino na fala ou escrita real e observamos a frequência com que se usam. Começamos pela variante mais usada e clara das variantes femininas: *a governante*, da qual encontramos 591 concordâncias.

Exemplos:

Em Portalegre *a governante* foi aconselhada a ler o "Ensaio sobre a Cegueira", de José Saramago, ou a "consultar um oftalmologista".

Temos preços muito competitivos", garante ainda ao CM Ana Paula Vitorino, recordando a simplificação administrativa já iniciada e que passa, por exemplo, pelo tratamento electrónico dos processos à distância. "Passámos de quatro a cinco dias para uma a duas horas", sublinha *a governante*, exemplificando assim as vantagens deste sistema – Janela

Única Portuária – que resulta de uma colaboração entre dois ministérios: dos Transportes e das Finanças.

Lembrando as alterações ordenadas por Gabriela Canavilhas nas direcções do Teatro Nacional de São Carlos, Companhia Nacional de Bailado e Museu Nacional de Arte Antiga, entre outros, a deputada do CDS-PP critica *a governante* de "cortar fitas de projectos que já vinham de trás" e não fazer "nada de concreto". "Para além de cortar fitas, o que é que a ministra fez de concreto?", pergunta.

Quando inserimos ao corpus uma outra variante bastante frequente, *a governanta*, onde está o substantivo acompanhado pelo artigo feminino, encontramos 75 concordâncias. Porém, quando fizemos o mesmo como com *a presidenta* e inserimos no sistema apenas o termo mais generalizado, *governanta*, independentemente do seu determinante, recebemos um resultado obviamente maior, de 331 concordâncias.

Exemplos:

Este é um trabalho, encenado/produzido e dirigido por Eduarda Borba e conta com os desempenhos de Carla Soares, Eduarda Borba e Luís nos papéis de aluna, *governanta* e professor.

Linda, a jovem porém nem desconfia que dentro de sua própria casa há um "espinho": Cristina (Flávia Alessandra), *a governanta* da casa e também a prima pobre de Luna.

Uma armadilha para matar Sharpe e aqueles que lhe são próximos – o experiente sargento Harper, seu amigo, o oficial português Jorge Vicente e uma irritadiça, mas adorável *governanta* inglesa – foi montada, e, enquanto a cidade de Coimbra é incendiada e pilhada, Sharpe e os seus companheiros preparam uma fuga arrojada, assegurando-se de que os seus inimigos os seguirá no caminho para Lisboa, para a boca de uma cilada construída pelas gentes portuguesas [...]

Ainda por cima, repetimos o modo da nossa pesquisa dantes e de novo procuramos também as mesmas variantes do acima, mas agora em plural. De *governantas* encontramos 27 concordâncias, das quais 4 foram com um artigo determinado feminino: *as governantas* e o que no total predomina sobre *as governantes*, do que encontramos só uma concordância.

Exemplo de *as governantes*:

Embora *as governantes* alertassem que as previsões não são "totalmente fiáveis", parece quase certo que não haverá forte pluviosidade e que, como tal, os níveis de água em Espanha deverão permanecer baixos.

Exemplos de *governantas*:

Na forma de reembolsos da Câmara dos Comuns, foram pagos salários de *governantas*, despesas com limpeza de fossas próximas das casas de campo, jardinagem, estrume de cavalo, piscinas, alimentação dos pets, troca de lâmpadas, churrasqueiras e cortadores de relva.

Verdade é constituirmos para os homens miscelânea de mama e colo, madrastas, *governantas* temíveis, detectives a saldo da ovulação, preceptoras de vergasta em riste, leoas, santas milagreiras, amantes que lhes atendem a urgência de esvaziar o saco seminal, robôs competentes na conservação do lar, karma que os acompanha do nascimento à Santa Unção.

Sabia ler em inglês antes de saber ler em russo; em casa de seus pais sucediam-se *as governantas* inglesas e francesas, os preceptores de diferentes nacionalidades.

Do que chegamos a saber é que o uso da forma feminina *governanta* é comparável ao uso da forma *presidenta* do exemplo anterior. Apesar de que *governante* esteja gramaticalmente descrito nos dicionários como substantivo de dois géneros, os falantes obviamente buscam outras alternativas para exprimir diretamente o género feminino, neste caso na forma da *governanta*, que não está registrada em todos os dicionários.

Ainda por cima, temos de apontar que no caso da *governanta* não encontramos nenhuns erros com o artigo masculino, como aconteceu no caso anterior com *presidenta*.

Neste caso o número absoluto das concordâncias encontradas das formas em singular foi 922. Aproximadamente 64% das concordâncias cria *a governante* e 36% *a governanta*. Do resultado das formas femininas em plural, 28, foi 96% *governantas* e 4% *as governantes*.

6.3. A chefe/a

6.3.1. Dicionários consultados

Os últimos substantivos com os quais vamos mostrar o problema de usar alguma forma feminina é *chefe/ chefea*.

Visto os dicionários, chegamos a saber que o substantivo *chefe* está classificado neles seja como substantivo de dois géneros, seja como substantivo masculino. O Aurélio, o dicionário de Costa e Melo, o dicionário do ano 2006 e o Priberam indicam *chefe* como substantivo de dois géneros. Porém, o Priberam e o dicionário do ano 2006 indicam simultaneamente também a outra possibilidade mencionada da classificação como substantivo masculino. Enquanto o Dicionário de Cândido de Figueiredo indica só a classificação do *chefe* como substantivo masculino, pode crescer uma suposição bastante interessante, que este substantivo não se precisava de usar no contexto com as mulheres.

Por outro lado, o substantivo feminino *chefe* não está indicado em nenhum dos dicionários. Por isso deve ser então provavelmente e legitimamente usado somente *chefe* para ambos os géneros, afirmam os dicionários que usamos. Porém, usa-se *a chefe* no uso real? Isto vamos ver por meio do corpus.

6.3.2. Corpus linguístico

Procurando a forma feminina mais habitualmente usada, *a chefe*, recebemos um resultado de 637 concordâncias.

Exemplos:

O vereador Norberto Soares, *a chefe* da secretaria e outros quadros superiores da autarquia foram impedidos de abandonar o edifício até à saída dos agentes.

Catherine Ashton, *a chefe* da diplomacia da União Europeia, esteve no encontro. "Condenamos todos os actos de violência e vamos suspender o acordo comercial com a Líbia", anunciou.

O Agrupamento de Escuteiros 490 da Chamusca é que não podia deixar passar este nobre gesto de um dos seus elementos e *a chefe* do Agrupamento, Sofia Filipe, garantiu que os responsáveis não podiam ter ficado indiferentes à acção do Alexandre. "Ele nunca se colocou em bicos de pés, limitou-se a contar o que se passou com uma calma que arrepiava.

Como escrevemos, *a chefe* é a variante mais frequentemente usada pelos falantes e absolutamente incluída dentro do sistema da língua portuguesa. Porém, olhamos ainda para a

variante não dicionarizada, *a chefe*, da qual encontramos 6 concordâncias, que não é nada pouco, visto que esta alternativa não devia gramaticalmente funcionar.

Além disso, fizemos a mesma coisa como com os exemplos anteriores e procurámos a forma feminina *chefa* sem algum determinante. Neste caso recebemos um resultado de 42 concordâncias, que é ainda maior e claramente mostra que a variante está no uso real.

Exemplos:

O chefe e *a chefe* ficam por ali a ouvir muito atentos, a cinquentona apaga o cigarro à pressa e volta em bicos de pés a sentar-se.

Nota Prévia : neste texto fala-se de chefes, no masculino, e de secretárias, no feminino, porque continua a ser assim na maioria das empresas, mas é claro que onde se lê chefe se pode ler *chefa* e onde se lê secretária se pode ler secretário.

A diretora executiva do ebay -a firma de leilão na internet- Margaret Whitman, ficou em quinto lugar, seguida pela *chefa* executiva da Xerox, Anne Mulcahy.

Concernindo as variantes femininas em plural, de *as chefes* encontramos 16 concordâncias, enquanto de *as chefas* nenhuma. Porém, quando tiramos o artigo e levamos só *chefas*, recebemos um resultado de 7 concordâncias.

Exemplos de *as chefes*:

Andamos fartos e cansados da situação não resolvida, o que nos leva a dirigirmo-nos ao Ministério Público todas as semanas, falando com as incompetentes das funcionárias que somente sabem jogar areia para os olhos de quem lá se dirige, onde *as chefes* de secção são do mais repugnante e mal educada que se pode encontrar nestes serviços [...]

Gosto muito de ser lobita porque aprendo muita coisa e *as chefes* são muito minhas amigas.

Mas como o objectivo, na teoria pisca (de Pisco) é manter *as chefes* afastadas das suas funções, lá vem uma inutilidade para as ocupar.

Exemplos de *chefas*:

Ela não tem contrato, nem tem chefes ou *chefas*.

Enfim, dizem os manuais, elas não foram feitas para mandar e quando o fazem são *chefas* duronas em sua forma assertiva/agressiva de liderar.

Chega sempre a hora em que as " *chefas* " e acólitas se vão esgatanhar, é uma questão de tempo, porque no fundo são todas altamente inseguras; os sorrisos que trocam são cínicos e hipócritas, unem-se por uma questão de "sobrevivência"!

O número absoluto das concordâncias destes substantivos em singular foi 679. Mais ou menos 94% representavam a variante *a chefe* e 6% *chefa*. Do número das formas em plural, 23, aproximadamente 70% foram *as chefes* e 30% *chefas*.

Ainda por cima, também como no caso de *governanta*, nem neste caso encontramos a variante agramatical, *o chefa*.

Neste caso podemos ver um buraco nos substantivos, tratando do género feminino. A variante feminina não está perfeitamente resolvida como por exemplo no caso do dicionário de Cândido de Figueiredo, que indica só *chefe* e classifica-o como substantivo masculino. Quando nasce este tipo dos buracos, os falantes têm uma tendência ainda maior para preenche-los e depois criam as variantes novas do género feminino, as quais lentamente incluem à linguagem cotidiana. O facto que estas variantes não estão indicadas nos dicionários não pode afirmar que estas variantes não existem.

7. Conclusão

Neste trabalho dedicamo-nos à criação do género feminino dos substantivos portugueses e ao seu, nalguns casos, uso problemático. Graças ao trabalho com o corpus linguístico pudemos contribuir com os exemplos e os factos da fala real daquela língua viva que se atualmente usa.

Concentrámo-nos principalmente nas palavras problemáticas, que dantes não tinham manifestado o género feminino na sua forma. Observámos como se muda esta problemática na língua e como se manifestam as mudanças na prática.

Voltando às perguntas que nos colocámos na introdução deste trabalho, vamos resumir os resultados aos quais chegamos.

Usando o corpus linguístico, vimos as frequências do uso das várias possibilidades da forma feminina. No primeiro caso, no caso de *a presidente/-a* chegamos a saber que a forma invariável fortemente predomina na língua atualmente usada, tanto em singular como em plural. A forma feminina moderna foi encontrada só em 5% das concordâncias. Porém, todos os dicionários indicam e aceitam ambas formas, que procuramos no corpus, então, nenhuma das formas devia ser considerada agramatical.

O segundo caso, *a governante/-a*, mostrou-nos uma situação diferente. Neste caso está a forma feminina moderna em singular suportada já melhor com 36% dos resultados. Contudo, a forma invariável ainda sempre predomina. Tratando de plural, a forma invariável de novo absolutamente predomina com 96% dos resultados. O importante de reparar aqui é, que neste caso os dicionários não correspondem. Um dicionário não indica *governanta* o que nos mostra, que na verdade esta forma está muito duvidosa. A frequência dela é bastante elevada, mas um de 5 dicionários não a aceita.

O último caso de exemplos foi *a chefe/-a*. Este caso distingue-se dos dois antecedentes ainda mais. Começando com os dicionários, importante é que nenhum dos dicionários indica *chefa* como uma variante do género feminino, nem como uma palavra. Apesar disso recebemos um resultado do qual 6% representaram *chefa*. Esta frequência ainda se aumentou com o substantivo em plural, *chefas*, do que encontramos tantas concordâncias, as quais representaram 30% de todos os resultados plurais.

Resumindo as frequências, o número das todas as concordâncias em total foi 6916. Delas foram 6271 as formas invariáveis e 645 as formas femininas modernas, então, as formas invariáveis representam mais ou menos 91% dos nossos resultados e as formas femininas

modernas 9%. Neste ponto podemos facilmente ver, que estatisticamente as formas invariáveis fortemente predominam no uso da língua portuguesa.

O resultado deste trabalho insinua que cada das línguas se constantemente muda e forma, e que este fenómeno contínuo de mudar não se pode fechar e empurrar às regras rígidas, porque as mudanças são rápidas e nunca suportadas por toda a gente sem exceção. Porém, importante é perceber as mudanças e ficar atual e consciente da vida da língua. O género feminino, na verdade o género em geral, está obviamente um sujeito destas mudanças como nas outras línguas, tanto em português. Trata-se do tópico muito atual nas várias esferas. A necessidade de exprimir e impô-lo incessantemente cresce. As faltas que concernem o género feminino passo ao passo vêm à tona e logo às mãos das pessoas ativas neste assunto.

Ainda por cima, quando as pessoas tentam criar as formas novas femininas, podiam nascer algumas dúvidas e confusão. Como por exemplo no caso da *presidenta*, onde se provavelmente demonstrou a hipercorreção como uma manifestação da agramaticalidade. A hipercorreção não é nada estranha nos nossos casos quando os dicionários não correspondem mutuamente e os falantes ativamente buscam as vias corretas até as combinarem demasiado. Este ponto se também liga com a realidade que a falta de género feminino devia ser resolvida pelos falantes, mas quando não está determinada claramente só uma possibilidade, originam-se novas expressões, possivelmente erros.

Concluindo, do nosso ponto de vista este trabalho abriu o tema significativo e bastante grande, que, pensamos, vai ser no futuro ainda muito discutido. Trouxe-nos uma ideia da vida do género na língua portuguesa, da vida e existência atual do género feminino nesta língua e também do uso do género feminino nos substantivos problemáticos e invariáveis.

Resumo em eslovaco

Hlavnou témou tejto bakalárskej práce boli moderné portugalské podstatné mená, ktoré preberajú nové formy na vyjadrenie ženského rodu. Ide o podstatné mená, ktoré sa v minulosti vyznačovali len jednou nemennou variantou používanou pre obe pohlavia, teda pre oba rody v portugalskom jazyku prítomné, mužský a ženský. V prvej, väčšej, polovici tejto práce, ktorá sa skladá z kapitoly 3.,4. a 5. sme sa venovali výlučne teórii potrebnej pre lepšie porozumenie témy. Vychádzajúc prevažne z morfolologickej úrovne, definovali sme a podrobne vysvetlili základné jednotky jazyka a jeho štruktúry, vysvetlili sme aké rody sa v jazykoch používajú a aké sú medzi nimi rozdiely. Detailnejšie sme sa venovali typu rodu prítomného v portugalčine, analyzovali ho na rôznych lingvistických úrovniach a zhrnuli všetky možnosti tvorenia ženského rodu v portugalskom jazyku. V druhej polovici, začínajúc od kapitoly 6., sme pracovali s portugalským jazykom v praxi. Zamerali sme sa na tri hlavné podstatné mená, prezident, vládca a šéf (*presidente, governante, chefe*) a porovnávali sme rôzne spôsoby vyjadrenia ženského rodu v ich prípadoch. Pre porovnanie sme vychádzali z noriem predpísaných podľa nami vybraných slovníkov a z jazyka aktuálne používaného, ukážky ktorého nám poskytol lingvistický korpus.

Bibliografia

ALMEIDA Costa, J. a A. Sampaio e Melo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 8. rev. e atualizada ed. Porto: Porto, 1999. ISBN 9720050012.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001. ISBN 8586930059.

CUNHA, Celso e Luís F. Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 9. ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1992. ISBN 9729230277.

FARIA, Isabel Hub, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. ISBN 9722110489.

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2006. 1824 s. ISBN 9789720012210.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira, Elza Tavares Ferreira, Joaquim Campelo Marques, Stella Rodrigo Octávio Moutinho. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. rev. e aum. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. ISBN 8520904114.

FIGUEIREDO, Cândido de, Júlio Dantas. *Dicionário da Língua Portuguesa. Vol. 1, A-G*. 24. ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1991. ISBN 972250083X.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da Língua Portuguesa. Vol. 2, H-Z*. 24. ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1991. ISBN 972250083X.

MATEUS, Maria Helena Mira, Amália Andrade, Mario do Céu Viana e Alina Villalva. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990. ISBN 9726740517.

RIO-TORTO, Graça, Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira, Sílvia Ribeiro. *Gramática Derivacional do Português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. ISBN 9789892608648.

Webgrafia

ARCHIBALD-BARBER, Jesse. *From Grammatical to Natural Gender*. 2001. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~cpercy/courses/6361ArchibaldBarber.htm> (acesso em 19 de junho 2019).

BUTLER, Judith P., Linda J. Nicholson. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, Chapman & Hall, Inc., 1990. Disponível em: http://lauragonzalez.com/TC/BUTLER_gender_trouble.pdf (acesso em 19 de junho 2019).

Corpus SketchEngine. Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/pttnten-portuguese-corpus/> (acesso em 19 de junho 2019).

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008. Disponível em: <http://priberam.pt/> (acesso em 19 de junho 2019).

GAY Victor, Estefania Santacreu-Vasut, Amir Shoham. *Does Language Shape Our Economy? Female/Male Grammatical Distinctions and Gender Economics*. 2012. Disponível em: <https://voxeu.org/article/language-matters-gender-grammar-and-observed-gender-discrimination> (acesso em 19 de junho 2019).

GONÇALVES, Davi Silva. *Por uma Língua Feminista: Uma Breve Reflexão sobre o Sexismo Linguístico*. Vol. 4, n. 1, jan./jun. São Luís: Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/9317/5570> (acesso em 19 de junho 2019).

GOUVEIA, Maria Carmen de Frias. *A Categoria Gramatical de Género do Português Antigo ao Português Actual*. Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4584.pdf> (acesso em 19 de junho 2019).

MUSSALIM, Fernanda. *Linguística I*. Curitiba: IESD Brasil S. A. 2009. Disponível em: https://books.google.sk/books?id=WmZNUQVsPUYC&pg=PA140&lpg=PA140&dq=n%C3%ADveis+de+alomorfia&source=bl&ots=QsYy54lrhV&sig=ACfU3U2DdEqc20pLBL9NMBJ7sFKA_Wxang&hl=sk&sa=X&ved=2ahUKEwjly6DKnPPhAhWEJFAKHUE1AT8Q6AEwCHoECAYQAQ#v=onepage&q&f=false (acesso em 19 de junho 2019).

SCZESNY, Sabine, Magda Formanowicz, Franziska Moser. *Can Gender-Fair Language Reduce Gender Stereotyping and Discrimination?*. *Frontiers in Psychology*, 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4735429/> (acesso em 19 de junho 2019).

SILVA José Pereira da. *A Inexistência da Flexão de Género nos Substantivos da Língua Portuguesa*. Disponível em: https://www.filologia.org.br/pub_outras/sliit01/sliit01_09-28.html (acesso em 19 de junho 2019).

VILLALVA, Alina. *Identidade das estruturas morfológicas*. Lisboa. Disponível em: https://www.academia.edu/3137413/Identidade_das_estruturas_morfol%C3%B3gicas (acesso em 19 de junho 2019).

VILLALVA, Alina. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/10492589/Morfologia_do_Portugu%C3%AAs (acesso em 19 de junho 2019).

Anotação em português

Autor:	Dana Drončovská
Faculdade e Departamento:	Faculdade de letras, Departamento das línguas românicas
Título da tese:	Problemática do género feminino nos substantivos originalmente invariáveis em português.
Orientador da tese:	Mgr. Petra Svobodová, Ph. D.
Número de caracteres:	78 587
Número de anexos:	0
Número de referências bibliográficas:	21
Palavras-chaves:	língua portuguesa, género misto, formação do género feminino, substantivos invariáveis, frequência do uso
Caraterização breve da tese:	Esta tese de licenciatura resume a problemática geral do género gramatical na língua portuguesa. Aponta à problemática do género feminino nas palavras, que não o tinham tido dantes e mostra esta problemática com alguns exemplos.

Abstract in English

Author:	Dana Drončovská
Faculty and Department:	Faculty of art, Department of romance languages
Title of the thesis:	Problems of feminine gender of substantives in Portuguese which were originally invariable.
Supervisor:	Mgr. Petra Svobodová, Ph. D.
Number of characters:	78 587
Number of appendices:	0
Number of bibliographical references:	21
Key Words:	Portuguese language, mixed gender, formation of feminine gender, invariable substantives, frequency of the usage
Short characteristic of thesis:	This bachelor thesis summarizes general issues of grammatical gender in the Portuguese. It highlights the problems of feminine gender in words that weren't used to have one before and it is shown on a few examples.